

CAPÍTULO 1

Para viver com fantasmas, é preciso solidão
Anne Michaels, *Peças em Fuga*

Passei dias a vasculhar a Sierra Madre, no México, em busca do fantasma conhecido por El Caballo Blanco – o Cavalo Branco. Tinha finalmente chegado ao fim da linha, ao último sítio onde estava à espera de o encontrar – não aos confins das terras de ninguém onde se dizia que ele vagueava, mas ao átrio mal iluminado de um velho hotel, nos limites de uma poeirenta cidade do deserto.

– *Sí, El Caballo está* – disse a recepcionista, acenando que sim com a cabeça.

– A sério? – Depois de ouvir tantas vezes que o tinha *quase* apanhado, em tantos sítios bizarros, já suspeitava que o Caballo Blanco não passava de um conto de fadas, de um *monstro* de Loch Ness local, inventado para assustar as crianças e enganar *gringos* crédulos.

– Volta sempre pelas cinco – acrescentou a recepcionista. – É como um ritual.

Não sabia se havia de lhe dar um abraço de alívio ou um “bacalhau” de triunfo. Olhei para o relógio. Ia pôr a vista no fantasma em menos de... Espera.

– Mas já passa das seis.

A recepcionista encolheu os ombros.

– Se calhar foi-se embora.

Afundi-me num sofá de idade venerável. Imundo, esfomeado e derrotado. Esgotadas, as minhas forças e as minhas pistas.

Havia quem dissesse que o Caballo Blanco era um fugitivo; havia quem tivesse ouvido que era um pugilista que fugira como expiação de ter espancado um homem até à morte no ringue. Ninguém lhe sabia o nome, a idade, ou onde teria nascido. Era como um pistoleiro do Velho Oeste, cujos únicos vestígios eram lendas e um aroma de fumo de cigarri-lha. Todas as descrições ou vislumbres continham uma história diferente; camponeses que viviam a distâncias impossíveis uns dos outros juravam tê-lo visto a pé no mesmo dia, e retratavam-no numa escala que variava brutalmente desde “engraçado e simpático” até “esquisito e gigantesco”.

Mas, em todas as versões da lenda do Caballo Blanco, alguns detalhes essenciais eram sempre iguais: tinha vindo para o México há alguns anos e fora em caminhada pelas impenetráveis e selvagens Barrancas del Cobre – para viver entre os tarahumaras, uma tribo semi-mítica de super-atletas da Idade da Pedra. Os tarahumaras (pronuncia-se à espanhola, sem dizer o “h”: tara-u-mara) deverão ser o povo mais saudável e sereno do mundo, e os maiores corredores de todos os tempos.

Nas ultradistâncias, ninguém ganha a um corredor tarahumara – nem um cavalo de corrida, nem uma chita, nem um maratonista olímpico. Pouquíssimos intrusos haviam visto os tarahumaras em acção, mas desde há séculos saíam, das ravinas, histórias espantosas sobre a sua resistência sobre-humana e a sua tranquilidade. Um explorador jurou ter visto um tarahumara apanhar um veado só com as mãos, perseguindo o animal aos pulos até desmaiar de exaustão, “com os cascos a cair-lhe”. Outro aventureiro passou dez horas a subir de mula até ao cume de uma das montanhas das Ravinas do Cobre; um corredor tarahumara fez o mesmo caminho em 90 minutos.

– Tome – dissera uma mulher tarahumara a um explorador que caíra extenuado no sopé de uma montanha. Deu-lhe um cantil repleto

de um líquido escuro. O explorador engoliu uns golos e ficou espantado por sentir uma nova energia a palpitar-lhe pelas veias. Levantou-se e escalou o monte como se fosse um *sherpa* cheio de cafeína. Os tarahumaras, contou mais tarde o explorador, também tinham a receita de um alimento energético especial, que os deixa magros, poderosos e imparáveis: umas poucas dentadas continham poder nutritivo suficiente para os pôr a correr um dia inteiro sem precisar de descanso.

Mas fossem quais fossem os segredos que os tarahumaras escondiam, tinham-nos escondido bem. Até hoje, os tarahumaras vivem em encostas de penhascos mais altos que um ninho de falcão, numa região que poucos viram. As Barrancas são um mundo perdido na mais remota terra de ninguém da América do Norte, uma espécie de Triângulo das Bermudas sem mar, conhecido por engolir os marginais e os malfeitores que lá se aventuram. Podem acontecer muitas coisas más por estas bandas, e é bem provável que aconteçam: quem sobreviva aos jaguares devoradores de homens, às cobras mortíferas e ao calor sufocante, ainda tem de lidar com a “febre das ravinas”, uma alucinação potencialmente letal, causada pelo carácter sobrenatural e desolado das Barrancas. Quanto mais se penetra nas Barrancas, mais elas parecem um mausoléu que se fecha à nossa volta. As paredes apertam-se, as sombras espalham-se, ouvem-se os sussurros de ecos fantasmagóricos; todas as saídas parecem acabar em rocha sólida. Prospectores de ouro perdidos eram acometidos de uma loucura e desespero tais que acabavam por cortar as próprias goelas ou por se atirar de penhascos. Não é surpresa nenhuma que se vejam poucos intrusos nas terras dos tarahumaras – tal como pouco se vêem os próprios tarahumaras.

Mas de alguma maneira o Cavallo Branco chegara às profundezas das Barrancas. E ali, dizia-se, tinha sido adoptado pelos tarahumaras como amigo e alma gémea; um fantasma entre fantasmas. Não havia dúvidas de que tinha conseguido dominar duas das artes dos tarahumaras – a invisibilidade e uma resistência extraordinária – porque, mesmo tendo sido avistado por todo o lado nos penhascos, ninguém parecia saber onde vivia ou onde iria aparecer. Se alguém era capaz de tradu-

zir os segredos ancestrais dos tarahumaras, diziam-me, era este vagabundo solitário das terras altas.

Tinha ficado tão obcecado por encontrar o Caballo Blanco que, enquanto dormitava no sofá do hotel, conseguia imaginar o som da sua voz. “Provavelmente como a do Zé Colmeia a encomendar *burritos* no Taco Bell”, divaguei. Um tipo destes, um vagabundo que ia a todo o lado mas não se encaixava em nenhum, devia viver dentro da sua mente e raramente ouvir a própria voz. Faria piadas esquisitas e rir-se-ia delas sozinho. Teria uma voz tonitruante e um espanhol atroz. Seria espantoso, e falador e... e...

Espera. *Estava* a ouvi-lo. Os meus olhos abriram-se para ver um cadáver empoeirado, num chapéu de palha esfarrapado, a tagarelar com a recepcionista. O pó dos caminhos riscava-lhe a cara como se fosse uma pintura de guerra desbotada, e as madeixas de cabelo queimado pelo sol que espreitavam sob o chapéu pareciam ter sido aparadas com uma faca de caça. Tinha o aspecto de um naufrago numa ilha deserta, até pela forma como parecia ávido por conversar com a entediada recepcionista.

– Caballo? – gemi.

O cadáver virou-se, a sorrir, e senti-me idiota. Não parecia desconfiado; parecia confuso, como qualquer turista que fosse subitamente confrontado por um homem perturbado num sofá a gritar “Cavalo!”.

Não era o Caballo. Não havia Caballo nenhum. Era tudo uma fraude, e tinha caído nela.

Foi então que o cadáver falou.

– Conhece-me?

– Homem! – explodi, enquanto me punha atabalhoadamente de pé. – Estou mesmo contente de o ver!

O sorriso desapareceu. Os olhos do cadáver lançaram-se para a porta, deixando bem claro que, num instante, ele faria o mesmo.

CAPÍTULO 2

Tudo começou com uma pergunta simples a que ninguém sabia responder.

Foi um dilema de cinco palavras que me levou à foto de um homem muito rápido numa saia muito curta, e a partir daí tudo se tornou mais estranho. Num ápice, tinha em mãos um assassínio, guerrilheiros traficantes de droga e um maneta com uma taça de queijo fundido atada à cabeça. Encontrei uma bela guarda-florestal loura que largara as roupas e tinha alcançado a salvação correndo nua pelas florestas do Idaho, e uma surfista com totós no cabelo, a correr para a morte no deserto. Um jovem corredor com talento morreria. Outros dois quase não sobreviveram.

Continuei a procurar, e dei com o Batman Descalço... O Tipo Despido... bosquímanos do Kalahari... O Amputador de Unhas... Um culto devotado a corridas de fundo e a orgias sexuais... O Selvagem das Blue Ridge Mountains... E, por fim, a velha tribo dos tarahumaras e o seu enigmático discípulo, Caballo Blanco.

Acabei por encontrar a resposta que procurava, mas só depois de dar comigo no meio da maior corrida que o mundo jamais veria: a maior

competição das corridas, um desafio secreto, que envolvia alguns dos melhores ultracorredores de *sempre*, num percurso de 80 quilómetros por caminhos escondidos, que só haviam sido pisados pelos pés dos tarahumaras. Ficaria espantado por descobrir que o velho ditado do Tao Te Ching – “o melhor corredor é o que não deixa marcas” – não era uma parábola abstracta mas sim um método de treino real, concreto e prático.

E isto tudo porque, em Janeiro de 2001, perguntei ao meu médico:
– Porque me dói o pé?

.....

Tinha consultado um dos melhores especialistas do país em medicina desportiva, porque tinha um estilete invisível espetado pela planta do pé acima. Na semana antes, saíra para uma corrida simples de cinco quilómetros numa estrada rural quando repentinamente relinchei de dor. Agarrei-me ao pé direito e berrei palavrões ao cair na neve. Quando me recompus, fui ver se estava a sangrar muito. Devia ter empalado o pé numa pedra aguçada, imaginei, ou num prego antigo espetado no gelo. Mas não tinha uma gota de sangue, nem sequer um buraco no sapato.

– O seu problema é correr – confirmou o Dr. Joe Torg quando lhe apareci a coxear na sala de exames, poucos dias depois. Nada que o surpreendesse; o Dr. Torg não só ajudou a criar todo o campo da medicina desportiva como foi um dos autores de *The Running Athlete* [O Atleta de Corrida], a obra de referência da análise radiográfica de todas as lesões de corredores que se possa imaginar. O médico passou-me por um raio X e observou-me a cambalear, e determinou que eu tinha feito uma luxação no cubóide, um osso paralelo ao calcanhar que eu nem sabia que existia até se ter transformado num Taser interno.

– Mas eu não corro quase nada – disse. – Estou a fazer uns três ou quatro quilómetros por dia. E nem sequer é em asfalto. É sobretudo em estradas de terra.

Era igual.

– O corpo humano não foi concebido para esse tipo de esforços – respondeu o Dr. Torg. – Isso é assim para o *seu* corpo em particular.

Percebia perfeitamente o que ele queria dizer. Media 1,93m e pesava 104 quilos; já me tinham dito muitas vezes que a Natureza queria que tipos do meu tamanho se metessem junto a uma tabela de basquetebol ou à frente de uma bala disparada contra o Presidente, e não que andassem com o corpanzil aos pinotes contra o chão. Desde que tinha feito 40 anos que começava a perceber porquê; nos cinco anos desde então, deixara de jogar basquete e tinha tentado tornar-me maratonista, rompi o tendão da coxa (duas vezes), distendi os tendões de Aquiles (repetidamente), torci os tornozelos (ambos, alternadamente), sofri de dores na abóbada plantar (regularmente), e tive de passar a descer escadas de costas e em bicos dos pés por ter os calcanhares tão doridos. Agora, pelos vistos, a última parte dócil dos meus pés tinha-se juntado à rebelião.

O mais estranho é que tudo o resto parecia inquebrável. Como redactor da revista *Men's Health* e dos primeiros colunistas da rubrica "Restless Man", da revista *Esquire*, grande parte do meu trabalho consistia em experimentar desportos semi-radicais. Tinha descido rápidos de nível IV numa prancha de *bodyboard*, surfado dunas gigantes num *snowboard*, e atravessado as *Badlands* do Dakota do Norte numa bicicleta de montanha. Também fiz reportagem em três zonas de guerra para a *Associated Press* e passei meses em algumas das regiões mais perigosas de África, tudo isto sem uma beliscadura nem uma pontada. Mas bastava correr uns quilómetros rua abaixo e de repente estava a rebolar-me pelo chão como se tivesse levado um tiro.

Noutro desporto qualquer, a minha série de lesões bastava para ser classificado como inválido. Na corrida, era normal. Os verdadeiros mutantes são os corredores que *não* se lesionam. Oito em cada dez corredores lesionam-se *todos os anos*. É indiferente ser gordo ou magro, rápido ou lento, campeão da maratona ou artista de fim-de-semana, são sempre iguais as probabilidades de destroçar os joelhos, as canelas, os tendões, as ancas ou os calcanhares. Da próxima vez que estiver na linha de partida para uma corrida de São Silvestre, olhe para os corre-

dores à sua esquerda e à sua direita; estatisticamente, só um de vocês é que volta a casa para comer os doces de Natal.

Nenhuma invenção conseguiu reduzir a carnificina; pode comprar-se sapatilhas de corrida com molas de aço embutidas nas solas, e a Adidas até ajustou o seu efeito de amortecimento através de um *microchip*, mas a taxa de lesões não diminuiu nada nos últimos 30 anos. Na verdade até subiu um pouco; aumentaram dez por cento os tendões de Aquiles rasgados. Correr parece ser a versão saudável de conduzir alcoolizado; podem evitar-se as consequências por uns tempos, e até é capaz de ser divertido, mas a catástrofe espreita a qualquer instante.

“Grande novidade”, resmungava a literatura da medicina desportiva. Não por essas palavras. Mais assim: “Os atletas cujos desportos envolvam correr colocam enormes pressões sobre as pernas”, declarou o *Sports Injury Bulletin*. “Cada passada atinge uma das pernas com uma força igual a mais do dobro do peso do corredor. Tal como um martelar contínuo numa rocha aparentemente impenetrável acaba por reduzi-la a pó, os impactos associados à corrida podem desgastar ossos, cartilagem, músculos, tendões e ligamentos.” Num relatório da Associação Americana de Cirurgiões Ortopedistas, concluía-se que a corrida de fundo é “uma ameaça escandalosa à integridade do joelho”.

E em vez de uma “rocha impenetrável”, o “escândalo” está a martelar-lhe um dos pontos mais sensíveis no corpo. Sabe que tipo de nervos tem nos pés? Os mesmos que fazem rede com os seus órgãos genitais. Os pés são como um balde de girinos irrequietos, repletos de neurónios sensoriais, todos a contorcer-se em busca de sensações. Basta estimular um pouco esses nervos e o impulso dispara por todo o sistema nervoso; por isso é que fazer cócegas nos pés pode sobrecarregar o sistema e causar espasmos pelo corpo inteiro.

Não admira que os ditadores sul-americanos tenham um fetiche por pés quando se deparam com indivíduos recalcitrantes; o *bastinado*, técnica de atar as vítimas e bater-lhes nas plantas dos pés, foi desenvolvido pela Inquisição espanhola, e avidamente adoptado por alguns dos sádicos mais perversos do mundo. Os Khmer Vermelhos e Uday Hus-

sein, o sinistro filho de Saddam, eram grandes adeptos do *bastinado* porque sabiam muito de anatomia; só o rosto e as mãos é que se comparam aos pés em termos de rapidez de comunicação com o cérebro. Quando se trata de sentir a mais suave das carícias ou o mais minúsculo dos grãos de areia, os dedos dos pés têm uma percepção tão fina como os lábios ou as pontas dos dedos.

– Então não posso fazer nada? – perguntei ao Dr. Torg.

Ele fez um gesto de indiferença.

– Pode continuar a correr, mas há-de voltar aqui para tomar mais disto – disse, extraindo um *plim* com a unha à enorme seringa cheia de cortisona que se preparava para espetar no fundo do meu pé. Também ia precisar de palmilhas correctivas feitas por medida (275 euros) para enfiar nas minhas sapatilhas com mecanismos de redução do impacto (100 euros ou mais, e como precisava de rodar entre dois pares, ia logo para 200 euros). Mas isso só iria adiar a grande despesa: uma inevitável visita seguinte à sua sala de espera.

– Sabe o que é que lhe recomendo? – concluiu o Dr. Torg. – Compre uma bicicleta.

Agradei-lhe, prometi seguir o conselho, e imediatamente fui consultar outra pessoa. O Doc Torg estava a ficar velho, percebi; talvez tivesse ficado um nadinha conservador nos seus conselhos, e um nadinha entusiasta da cortisona. Um amigo médico recomendou-me um podólogo que também era maratonista, e marquei uma consulta para a semana seguinte.

O podólogo tirou outro raio X, e sondou-me o pé com os polegares.

– Parece que você tem síndrome do cubóide – concluiu. – Posso rebentar-lhe a inflamação com cortisona, mas vai precisar de um corrector.

– Raios – murmurei. – Isso foi exactamente o que disse o Torg.

O podólogo foi à procura da seringa, mas deteve-se.

– Já foi ter com o Joe Torg?

– Sim.

– Já lhe deram uma injeção de cortisona?

– Uh, sim.

– Então que está aqui a fazer? – perguntou, subitamente com um ar impaciente e ligeiramente desconfiado, como se estivesse a pensar que eu gostava mesmo era de levar com seringas enfiadas na parte mais sensível do pé. Talvez suspeitasse que era um drogado sadomasoquista viciado em dor e em analgésicos.

– Sabe que o Dr. Torg é o padrinho da medicina desportiva, não sabe? Os diagnósticos dele costumam ser muito respeitados.

– Sei. Queria só confirmar.

– Não lhe vou dar outra injeção, mas podemos agendar uma consulta para instalar o corrector. E devia mesmo pensar noutra actividade em vez de correr.

– Isso parece-me bem – disse-lhe. Nunca poderia aspirar a ser tão bom corredor como o podólogo, que tinha acabado de me confirmar o veredicto de um médico que reconhecia claramente como o *sensei* dos especialistas em medicina desportiva. Não havia maneira de lhe contrariar o diagnóstico. Por isso fui à procura de outra pessoa.

Não é que seja assim tão teimoso. Nem sou assim tão fanático por correr. Se contasse todos os quilómetros que tinha corrido, metade tinham sido uma penosa escravidão. É contudo relevante que, embora já não lesse *O Estranho Mundo de Garp* há 20 anos, nunca me tivesse esquecido de uma cena menor, e não é aquela em que está a pensar: estou sempre a lembrar-me de como Garp saía disparado porta fora, a meio do seu dia de trabalho, para uma corrida de três quilómetros. Essa sensação é tão universal, a forma como correr une os nossos dois impulsos mais primários: medo e prazer. Corremos quando estamos assustados, corremos quando estamos em êxtase, corremos em fuga dos nossos problemas e corremos para nos divertirmos.

E é quando as coisas parecem piores que mais corremos. Houve três momentos em que a América viu a corrida de fundo disparar em popularidade, e foram sempre durante uma crise nacional. O primeiro *boom* ocorreu durante a Grande Depressão, quando mais de 200 participantes marcaram a moda correndo 25 quilómetros por dia na Grande Corrida Transcontinental. A corrida entrou, em seguida, num estado

vegetativo, e regressou em grande no início dos anos 70, quando nos debatíamos com a recuperação do Vietname, a Guerra Fria, os motins raciais, um presidente criminoso e os assassinios de três líderes amados. E o terceiro *boom* da corrida de fundo? Um ano depois dos ataques de 11 de Setembro, a corrida de corta-mato tornou-se, de repente, no desporto ao ar livre de maior crescimento no país. Talvez seja uma coincidência. Ou talvez haja um gatilho na psicologia humana, uma resposta pavloviana que activa o nosso primeiro e maior instinto de sobrevivência quando sentimos os predadores a aproximar-se. No que toca a prazer sensual e reduzir o *stress*, correr é o que temos na vida, antes de termos relações sexuais. O equipamento e o desejo são de série; só é preciso meter prego a fundo e partir por aí fora.

Era isso que procurava; não era um pedaço de plástico caríssimo para enfiar na sapatilha, nem um ciclo mensal de analgésicos, só uma forma de meter o prego a fundo sem me partir todo. Não adorava correr, mas *queria* correr. Foi isso que me levou à porta do médico número 3: a Dra. Irene Davis, especialista em biomecânica e responsável pela Clínica de Lesões de Corrida na Universidade do Delaware.

A Dra. Davis pôs-me numa passadeira rolante, primeiro descalço e depois em três tipos de sapatilhas. Fez-me caminhar, marchar e correr a sério. Fez-me andar para a frente e para trás numa plataforma de forças que media o impacto das minhas passadas. Quando me mostrou o vídeo, fiquei espedado com uma expressão de horror.

Na minha cabeça, era tão leve e veloz como um navajo à caça. Aquele tipo no ecrã, contudo, era o monstro de Frankenstein a tentar dançar o tango. Bamboleava-me tanto que a minha cabeça desaparecia do cimo do enquadramento. Os braços atiravam-se para trás e para a frente como os de um árbitro de basebol, e as minhas sapatilhas de tamanho 45 batiam no chão com tanto peso que o vídeo parecia ter uma banda sonora de batuques. Como se não bastasse, a Dra. Davis pôs o vídeo em *slow motion* para podermos apreciar confortavelmente como o meu pé direito se torcia para fora, o meu joelho esquerdo se encolhia para dentro, e as minhas costas se vergavam em espasmos tão feios que seria

melhor enfiarem-me uma carteira entre os dentes e pedir socorro. Como diabo é que eu poderia conseguir avançar, com tanto movimento para cima, para baixo e para os lados, que nem um peixe fisgado num anzol?

– OK – disse. – Então como é que se corre como deve ser?

– Essa é a eterna questão – respondeu a Dra. Davis.

A eterna resposta... bem, é mais complicada. Podia endireitar a postura e conseguir absorver um pouco melhor o impacto se aterrasse com a área mais sólida do centro do pé em vez de com os ossos do calcanhar, *maaaaaas...* podia estar apenas a trocar um problema por outro. Inventar uma nova passada pode carregar repentinamente o calcanhar e o tendão de Aquiles com tensões a que não estão habituados, e causar uma nova série de lesões.

– Correr é duro para as pernas – disse a Dra. Davis, de uma forma tão amável e caridosa que conseguia adivinhar o resto dos seus pensamentos: “Especialmente para as *tuas* pernas, oh grandalhão.”

Regressara ao ponto de partida. Depois de meses a consultar especialistas e a pesquisar *online* estudos fisiológicos, só tinha conseguido virar a pergunta contra mim próprio:

Porque me dói o pé?

Porque correr te faz mal.

Porque é que correr me faz mal?

Porque te faz doer o pé.

Mas porquê? Os antílopes não têm dores nas canelas. Os lobos não precisam de pôr gelo nos joelhos. Duvido que 80 por cento dos cavalos selvagens fiquem imobilizados todos os anos com lesões de impacto. Lembrei-me de um provérbio atribuído a Roger Bannister – enquanto estudava medicina, trabalhava como investigador clínico e cunhava parábolas espirituosas – que se tornou no primeiro homem a correr uma milha em menos de quatro minutos.

– Todas as manhãs em África acorda uma gazela – disse Bannister. – Há-de saber que tem de ser mais veloz do que o mais rápido dos leões, ou vai ser morta. Todas as manhãs em África acorda um leão. Há-de saber que tem de correr mais que a gazela mais lenta, ou morre

de fome. Não interessa ser um leão ou uma gazela – quando nasce o sol, o melhor é correr.

Então porque é que todos os mamíferos do planeta, menos nós, conseguem depender das suas pernas? Pensando bem, como é que um tipo como Bannister consegue sair a correr do laboratório todos os dias, calcorrear uma dura pista de cinza em pantufas finas de couro, e não só tornar-se mais rápido como nunca se magoar? Porque é que alguns correm como leões ou como Bannister todas as manhãs, quando nasce o sol, enquanto os outros precisam de um punhado de comprimidos de ibuprofeno antes de pôr os pés no chão?

Tudo ótimas perguntas. Mas, como estava prestes a descobrir, os únicos que sabiam as respostas – os únicos que viviam as respostas – não estavam dispostos a contá-las.

Sobretudo a um tipo como eu.

♦♦♦♦

No inverno de 2003, estava em reportagem no México e comecei a folhear uma revista de viagem em espanhol. De repente, uma foto de Jesus a correr por um caminho de pedra abaixo captou-me a atenção.

Olhando com mais atenção, vi que, embora não fosse Jesus, era sem dúvida um homem de túnica e sandálias a *sprintar* para o fundo de uma montanha de cascalho. Pus-me a traduzir a legenda, mas não consegui perceber porque estava escrita no presente; parecia uma espécie de quimera da Atlântida sobre um império extinto de super-homens iluminados. Só aos pouco percebi que tinha lido tudo bem, menos as partes do “extinto” e da “quimera”.

Estava no México em busca de uma estrela *pop* desaparecida e do seu culto secreto de lavagem cerebral para a revista do *New York Times*, mas esse artigo parecia agora um bocejo comparado com o que lia. Estrelas *pop* bizarras em fuga aparecem e desaparecem, mas os tarahumaras pareciam viver para sempre. Abandonada no seu misterioso esconde-

rijo nas ravinas, esta pequena tribo de eremitas tinha resolvido quase todos os problemas do Homem. Em qualquer categoria – mente, espírito ou corpo – os tarahumaras aproximavam-se da perfeição. Era como se tivessem secretamente transformado as suas cavernas em incubadoras de prémios Nobel, todos a trabalhar para acabar com o ódio, as doenças cardíacas, as dores nas canelas e os gases de estufa.

Na Terra dos Tarahumara, não havia crime, guerra nem assaltos. Não havia corrupção, obesidade, toxicodependência, ganância, violência doméstica, pedofilia, tensão arterial alta ou emissões de carbono. Não tinham diabetes, depressões, nem sequer velhice: homens de 50 anos conseguiam correr mais que adolescentes, e bisavôs de 80 anos subiam distâncias de maratona nas montanhas. Os geniais tarahumaras tinham até chegado à economia, criando um sistema financeiro único, baseado no álcool e em actos arbitrários de gentileza: em vez de dinheiro, a sua moeda de troca consistia em favores e grandes baldes de cerveja de milho.

Seria de esperar que uma máquina económica alimentada por álcool e borlas descambasse num vale-tudo de bêbedos, toda a gente a encher-se às mãos cheias como jogadores arruinados num *buffet* de casino mas, na Terra dos Tarahumara, funciona. Talvez porque os tarahumaras são industriais e sobrenaturalmente honestos; um investigador chegou a especular que, após tantas gerações de honestidade, o cérebro tarahumara era mesmo quimicamente incapaz de formular mentiras.

E, como se não bastasse ser o povo mais amável e feliz do planeta, o tarahumara era também o mais resistente: comparável à sua serenidade sobre-humana, só mesma a sua tolerância sobre-humana à dor e à *lechuguilla*, uma horrível tequila caseira fermentada a partir de cadáveres de cascavéis e resina de cactos. Segundo um dos poucos intrusos que tinham testemunhado uma festa rija dos tarahumaras, os participantes ficavam tão inebriados que as mulheres começavam a arrancar as camisolas umas às outras numa luta livre em tronco nu, enquanto um velhote cacarejante lhes andava de roda, tentando picar-lhes o rabo com uma espiga de milho. Os maridos, entretanto, observavam num

estupor vítreo. Cancún durante as férias universitárias é uma brincadeira em comparação com as Barrancas durante uma lua de colheita.

Os tarahumaras divertiam-se assim toda a noite, depois levantavam-se na manhã seguinte para competir numa corrida que podia durar não dois quilómetros, nem duas horas, mas dois dias inteiros. Segundo o historiador mexicano Francisco Almada, um campeão tarahumara chegou a correr 655 quilómetros, o equivalente a começar uma passeata em Nova Iorque e não parar até estar às portas de Detroit. Dizia-se que outros corredores tarahumaras percorriam 480 quilómetros de uma vez. Isso é quase uma dúzia de maratonas, umas a seguir às outras, enquanto o sol nasce e se põe e nasce de novo.

E os tarahumaras não estavam a passear-se por estradas pavimentadas e lisas, mas a subir e a descer ravinas em caminhos íngremes trilhados pelos seus próprios pés. Lance Armstrong é um dos maiores atletas de resistência de sempre e mal conseguiu chegar ao fim da sua primeira maratona, embora chupasse um gel energético a quase todos os quilómetros. (O SMS que Lance enviou à ex-mulher, depois de correr a maratona de Nova Iorque: “Ó. Meu. Deus. Ena. Pavoroso.”) E estes tipos corriam-nas à dúzia de cada vez?

Em 1971, um psicólogo americano aventurou-se pelas Ravinas do Cobre e ficou tão espantado com as capacidades atléticas dos tarahumaras que teve de regredir 2.800 anos para encontrar uma escala suficiente para as medir. “Provavelmente desde os tempos dos antigos espartanos que não se encontrava um povo com uma condição física tão apurada”, concluiu o Dr. Dale Groom quando publicou os seus dados no *American Heart Journal*. Ao contrário dos espartanos, contudo, os tarahumaras são tão bondosos como *bodhisattvas*; não usam a sua super-força para dar pancada mas para viver em paz. “Enquanto cultura, são um dos grandes mistérios por resolver”, diz o Dr. Daniel Noveck, antropólogo da Universidade de Chicago especializado nos tarahumaras.

Os tarahumaras são, de resto, tão misteriosos que até são conhecidos por uma alcunha. O nome verdadeiro deles é rarámuri – o Povo Corredor. A alcunha veio dos conquistadores, que não compreendiam

a língua tribal. E a corruptela pegou porque os rarámuris, como seria de esperar, fugiram aos conquistadores em vez de debater nomes com eles. Responder à agressão dando corda aos calcanhares foi sempre a estratégia dos rarámuris. Desde que os invasores de Cortés chegaram com as armaduras tilintando à sua terra natal, e nas invasões subsequentes, dos rebeldes de Pancho Villa e de barões da droga mexicanos, os tarahumaras reagem aos ataques correndo mais e para mais longe que os seus perseguidores, retirando-se para sítios cada vez mais recônditos das Barrancas.

“Deus meu, eles devem ser inacreditavelmente disciplinados”, pensei. “Completamente concentrados e dedicados. Os monges de Shaolin da corrida.”

Ora, não é bem assim. Em relação às maratonas, os tarahumaras preferem uma abordagem mais carnavalesca. Em termos de dieta, estilo de vida e competitividade, são o pesadelo de um treinador de atletismo. Bebem como se a véspera de ano novo fosse semanal, emborcando cerveja de milho em quantidades que chegavam para estarem, um dia em cada três, intoxicados ou de ressaca. Ao contrário de Lance, os tarahumaras não refrescam os corpos com bebidas energéticas repletas de electrólitos. Não se recompõem com barras de proteínas; na verdade, quase nem comem proteínas, bastando-lhes pouco mais que milho moído temperado pela sua iguaria favorita, rato grelhado. No dia da corrida, os tarahumaras não treinam nem doseiam esforços antes de provas. Não fazem alongamentos nem aquecimento. Limitam-se a passear até à linha de partida, entre risos e cavaqueira... e depois correm que nem demónios nas 48 horas seguintes.

Como é que eles não ficam todos aleijados?, interroguei-me. Era como se um erro contabilístico tivesse colocado os números nas colunas erradas: não devíamos ser nós – que temos sapatilhas de alta tecnologia e correctores ortopédicos feitos por medida – a ter taxas de lesões zero, e os tarahumaras – que correm muito mais, em terrenos muito mais rochosos, com sapatos que mal parecem sapatos – a estar constantemente magoados?

Eles simplesmente têm pernas mais rijas, porque passaram as vidas inteiras a correr, pensei, antes de me aperceber da minha própria palermice. Mas isso deveria significar que eles se magoavam mais, não menos. Se correr faz mal às pernas, então correr muito deveria fazer muito pior.

Afastei o artigo, tão intrigado como arreliado. Tudo sobre os tarahumaras parecia ao contrário, um escárnio, tão irritantemente incompreensível como as adivinhas de um mestre *zen*. Os gajos mais duros eram os mais amáveis; as pernas mais desgastadas eram as mais esportivas; o povo mais saudável tinha a dieta mais ranhosa; a raça analfabeta era a mais sábia; os tipos que mais trabalhavam eram os que se divertiam mais...

E o que é que correr tinha a ver com isto tudo? Seria coincidência que o povo mais iluminado do mundo fosse também o povo de melhores corredores? Havia peregrinos que subiam aos Himalaias em busca deste tipo de sabedoria – e afinal, apercebi-me, bastava dar um saltinho para lá da fronteira do Texas.

CAPÍTULO 3

Descobrir em que parte da fronteira, no entanto, revelou-se complicado.

A revista *Runner's World* enviou-me em reportagem para caminhar pelas Barrancas em busca dos tarahumaras. Mas antes de poder começar a procurar pelos fantasmas, precisava de arranjar um caçador de fantasmas. Salvador Holguín, disseram-me, era o único homem capaz disso.

De dia, Salvador é um administrador municipal de 33 anos numa cidade de fronteira, nos limites das Ravinas do Cobre, Guachochi. De noite, é um cantor *mariachi* de salão, e tem ar disso: com uma barriga de cerveja e ar de galã de olhos pretos e rosa-presa-entre-os-dentes, tem mesmo o aspecto de um tipo que divide a vida entre cadeiras de escritório e balcões de bar. O irmão de Salvador, contudo, é o Indiana Jones do sistema de ensino mexicano; todos os anos, carrega um burro com lápis e livros e vai mato fora pelas Barrancas entregar materiais às escolas do fundo das ravinas. Porque Salvador está disposto a tudo, já aconteceu faltar ao trabalho para acompanhar o irmão nestas expedições.

– *Hombre*, tudo bem – disse-me quando o encontrei. – Podemos ir ter com o Arnulfo Quimare...

Se não tivesse dito mais nada, já chegava para me deixar em êxtase. Enquanto procurava um guia, tinham-me dito que Arnulfo Quimare era o maior dos corredores tarahumaras vivo, e que vinha de um clã de primos, irmãos, cunhados e sobrinhos, que eram quase tão bons como ele. A perspectiva de avançar directamente para as cabanas escondidas da dinastia Quimare era melhor do que podia esperar. O único problema é que Salvador ainda não se tinha calado.

– Tenho *quase* a certeza de saber o caminho – continuou. – Nunca lá estive. *Pues, lo que sea*. – Bem, que se lixe. – Havemos de lá ir ter. Mais tarde ou mais cedo.

Normalmente, estas palavras pareceriam um mau presságio mas, em comparação com toda a gente que tinha falado comigo, Salvador era incrivelmente optimista. Desde que fugiram para a terra de ninguém há 400 anos, os tarahumaras passaram o tempo a aperfeiçoar a arte da invisibilidade. Muitos ainda viviam em cavernas, nas encostas onde só se pode chegar trepando longos varões; quando lá chegam, tiram os varões e somem-se dentro da rocha. Outros vivem em cabanas camufladas de uma forma tão engenhosa que o grande explorador norueguês Carl Lumholtz ficou assombrado ao descobrir que tinha acabado de atravessar uma aldeia inteira de tarahumaras sem detectar vestígios de casas nem de seres humanos.

Lumholtz era um verdadeiro ás do mato, que passou anos a viver entre caçadores de cabeças no Bornéu antes de viajar para a Terra dos Tarahumara no final da década de 90 do século XIX. Mas pode adivinhar-se que até a sua determinação baqueou depois de se ter arrastado por desertos e precipícios vertiginosos para chegar finalmente ao coração da região dos tarahumaras e se deparar com...

Ninguém.

“Observar estas montanhas é inspirador para a alma; mas viajar por elas é fatigante para os músculos e para a paciência”, escreveu Lumholtz em *Unknown Mexico: A Record of Five Years' Exploration Among the Tribes of Sierra Madre* [México Desconhecido: Um Registo de uma

Exploração de Cinco Anos entre as Tribos da Sierra Madre]. “Ninguém, excepto quem viajou pelas montanhas mexicanas, pode compreender e apreciar as dificuldades e ansiedades de empreender uma viagem destas.”

E isso presumindo que se consegue sequer chegar às montanhas.

– À primeira vista, a região dos tarahumaras parece inacessível – resmungou o dramaturgo francês Antonin Artaud depois de um avanço penoso e suado pelas Ravinas do Cobre em busca de sabedoria xamânica nos anos 30. – Na melhor das hipóteses há alguns trilhos marcados que, de 20 em 20 metros, parecem desaparecer.

Quando Artaud e os seus guias finalmente descobriam um caminho, tinham de respirar fundo antes de seguir em frente: subscrevendo o princípio de que o melhor truque para afastar perseguidores é viajar para sítios onde só um doido se iria enfiar, os tarahumaras traçam os seus caminhos aos ziguezagues sobre terrenos com inclinações suicidas.

“Basta um passo em falso”, rabiscou no seu bloco de notas um aventureiro chamado Frederick Schwatka numa expedição às Ravinas do Cobre em 1888, “para o escalador acabar numa queda de 70 a 100 metros no fundo da ravina, talvez como um cadáver ensanguentado.”

Schwatka não era nenhum poeta francês cheio de afectações; tenente do Exército americano que sobrevivera às guerras fronteiriças e mais tarde vivera entre os *síoux* como antropólogo amador, percebia muito de cadáveres ensanguentados. Também havia viajado às mais inóspitas das terras inóspitas, incluindo uma tenebrosa viagem de dois anos ao Círculo Ártico. Mas, quando chegou às Ravinas do Cobre, teve de recalibrar a sua escala. Perscrutando o oceano de vazio à sua volta, Schwatka estremeceu de admiração – “o coração dos Andes ou os picos dos Himalaias não têm paisagens mais sublimes que os baluartes selvagens e desconhecidos da Sierra Madre do México” – antes de ser empurrado novamente para um assombro mórbido: “Como é que se pode criar crianças nestes penhascos sem uma taxa de mortalidade anual de cem por cento é para mim das coisas mais misteriosas relacionadas com esta estranha gente.”

Ainda hoje, com o mundo encolhido numa aldeia global pela Internet e os satélites do Google a permitirem-nos espiar o quintal de um

desconhecido do outro lado do país, os tarahumaras tradicionais continuam tão fantasmagóricos como há 400 anos. Nos meados dos anos 90, uma expedição investia sobre as profundezas das Barrancas quando foi subitamente perturbada por uma sensação de cegueira:

“O nosso pequeno grupo caminhava há horas pela Barranca del Cobre mexicana sem encontrar vestígios de nenhum outro ser humano”, escreveu um dos membros da expedição. “Agora, no coração de uma ravina ainda mais profunda que o Grand Canyon, ouvíamos os ecos dos tambores tarahumaras. Os seus ritmos simples eram indistintos de início, mas rapidamente ganharam força. Com o eco nas encostas rochosas, era impossível saber quantos eram ou de onde vinham. Virámo-nos para o nosso guia, em busca de orientação. ‘¿Quién sabe?’”, disse ele. “Quem sabe? Os tarahumaras não podem ser vistos, a menos que o queiram.”

.....

A lua ainda ia alta quando partimos na robusta carrinha com tração às quatro rodas de Salvador. Quando o sol apareceu, tínhamos deixado o alcatrão muito para trás e íamos às sacudidelas por uma pista de terra que mais parecia um leito de riacho que uma estrada, arrastando-nos em segunda ou em primeira, à medida que prosseguíamos como um barquinho por mares agitados.

Tentei ir calculando a nossa localização com uma bússola e um mapa, mas às vezes não conseguia entender se Salvador virava de propósito ou se estava só a contornar um penedo caído. Ao fim de pouco tempo, era igual – fosse lá onde estivéssemos, já não era parte do mundo conhecido; ainda zigzagueávamos por uma fenda estreita pelas árvores, mas o mapa não mostrava nada para além de floresta virgem.

– *Mucha mota por aqui* – disse Salvador, girando um dedo para os montes à nossa volta. Há aqui muita marijuana.

Como as Barrancas são impossíveis de policiar, tornaram-se numa base para dois cartéis da droga rivais, Los Zetas e New Bloods, ambos forma-

dos por antigos comandos do Exército, e absolutamente impiedosos; os Zetas eram célebres por mergulhar polícias pouco cooperantes em bidões de gasóleo em chamas, e dar de comer os rivais capturados à sua mascote: um tigre de Bengala. Quando as vítimas paravam de gritar, as suas cabeças carbonizadas e mastigadas por dentes de tigre eram cuidadosamente recolhidas como ferramentas de *marketing*; os cartéis gostavam de marcar o seu território, por exemplo empalando as cabeças de dois agentes da polícia à porta de um prédio do Estado com uma tabuleta onde se lia: “Aprendam a ter respeito”. No espaço de um mês, cinco cabeças foram atiradas para a pista de dança de uma discoteca repleta. Mesmo aqui, nos limites das Barrancas, apareciam todas as semanas uns seis cadáveres.

Mas Salvador parecia completamente despreocupado. Guiava pelo mato fora, assassinando com uma voz rouca qualquer coisa sobre um *soutien* cheio de desgraças que se chamava Maria. De repente, a canção morreu-lhe na boca. Desligou o leitor de cassetes, olhos postos numa carrinha Dodge vermelha com vidros fumados que tinha emergido por entre uma nuvem de pó à nossa frente.

– Narcotraficantes – murmurou.

Salvador aproximou-se o mais possível do penhasco à nossa direita e abrandou ainda mais, reduzindo a velocidade em sinal de respeito, dos 15 quilómetros por hora a que seguíamos até parar, oferecendo ao grande Dodge vermelho toda a estrada possível.

Não queremos chatices, era a mensagem que tentava transmitir. Estamos só a tratar da nossa vidinha, que não tem nada a ver com mota. Por favor não parem... O que havíamos de dizer se eles se atravessassem à nossa frente e saíssem, exigindo que falássemos devagar e claramente para os canos das suas espingardas militares enquanto explicávamos que raio é que estávamos a fazer aqui, no meio da região mexicana da marijuana?

Não podíamos sequer contar-lhes a verdade; se acreditassem, morríamos. Se há gente que os gangues da droga mexicanos odeiam mais que polícias, é cantores e repórteres. Nem sequer é cantores no sentido de bufos ou delatores; odeiam mesmos cantores a sério, dos que tocam baladas de amor nas suas guitarras. Quinze cantores foram executados por gangues

de droga em apenas 18 meses, incluindo a bela Zayda Peña, vocalista de 28 anos dos Zayda y los Culpables, que levou um tiro depois de um concerto; sobreviveu, mas os assassinos descobriram-na no hospital e mataram-na enquanto recuperava de uma cirurgia. O jovem cantor romântico Valentín Elizalde foi morto por uma chuva de balas de uma AK-47 mesmo junto à fronteira, perto de McAllen, no Texas, e Sergio Gómez foi morto pouco depois de ser nomeado para um Grammy; queimaram-lhe os órgãos genitais, e depois mataram-no por estrangulamento e deitaram o cadáver para a rua. O que os condenou, presumia-se, foi a sua fama, serem bonitos e terem talento; os cantores eram uma ameaça ao amor próprio dos barões da droga, e por isso eram marcados para morrer.

Esta estranha *fatwa* contra trovadores era emotiva e imprevisível, mas as tentativas de homicídio contra repórteres eram apenas negócios. As notícias sobre os cartéis eram reproduzidas em jornais americanos, embaraçando políticos americanos, que pressionavam a Agência de Combate às Drogas [DEA] a agir. Furiosos, os Zetas atiravam granadas a redacções, e chegavam a enviar assassinos para lá da fronteira com os E.U.A. para caçar jornalistas metedizos. Depois de 30 repórteres serem mortos em seis anos, o director do jornal de Villahermosa encontrou a cabeça cortada de um traficante de baixo estatuto à porta do seu escritório, com um papel onde se lia: “És o próximo.” O número de vítimas tornou-se tão grave que o México ascenderia ao segundo lugar em número de jornalistas mortos ou raptados, atrás apenas do Iraque.

E agora tínhamos poupado imenso trabalho aos cartéis; um cantor e um jornalista tinham enfiado o carro mesmo no seu quintal. Espetei o bloco de notas nas calças e olhei de relance para o banco da frente em busca de mais coisas para esconder. Era inútil; o Salvador tinha cassetes da sua banda por todo o lado, eu tinha um cartão de imprensa vermelho-vivo na carteira, e mesmo entre os meus pés estava uma mochila cheia de gravadores, canetas e uma máquina fotográfica.

O Dodge vermelho parou ao nosso lado. O dia estava maravilhosamente cheio de sol, havia uma brisa fresca com um aroma de pinheiro, mas as janelas da carrinha estavam completamente fechadas, tornando

invisível o misterioso grupo por detrás dos seus vidros fumados pretos. A carrinha abrandou até quase parar.

Continuem, rezava na minha cabeça. *Não parem, não parem não-não-não...*

A carrinha parou. Lancei os olhos para a esquerda e vi que Salvador olhava directamente em frente, com as mãos congeladas sobre o volante. Virei os olhos de novo para a frente, e não mexi um músculo.

Ficámos sentados.

Eles ficaram sentados.

Ficámos calados.

Eles ficaram calados.

“Seis assassinatos por semana”, pensei. “Queimaram-lhe os tomates.” Já via a minha cabeça a rebolar entre saltos altos em pânico numa pista de dança de Chihuahua.

De repente, um rugido cortou o ar. Os meus olhos guinaram para a esquerda outra vez. O grande Dodge vermelho voltava à vida, e seguiu rosnando.

Salvador continuou a observar o retrovisor lateral até o Mortemóvel desaparecer numa espiral de pó. Depois deu uma palmada no volante e voltou a ligar a sua cassette de *ay-ay-ay-ays*.

Bueno! – gritou. – *Andale pués, a más aventuras!*

Excelente! Vamos para mais aventuras!

A parte de mim que tinha ficado tão tensa que chegava para rachar uma noz, relaxou gradualmente. Mas por pouco tempo.

Poucas horas mais tarde, Salvador pisou a fundo nos travões. Fez marcha-atrás, guinou para a direita saindo do caminho, e começou a manobrar entre as árvores. Fomo-nos desviando cada vez mais pela floresta, esmagando caruma e saltando por buracos tão profundos que me faziam bater com a cabeça no tejadilho.

À medida que a floresta escurecia, Salvador ficou mais silencioso. Pela primeira vez desde o nosso encontro com o Mortemóvel, até desligou a música. Imaginei-o a beber a solidão e a tranquilidade, e tentei desconstrair-me e apreciá-la com ele. Mas quando finalmente quebrei o

silêncio com uma pergunta, grunhiu-me mal disposto. Comecei a desconfiar de que havia algum problema: estávamos perdidos, e Salvador não queria admiti-lo. Observei-o mais atentamente, e reparei que ele abrandava para estudar os troncos das árvores, como se algures nas suas cascas cuneiformes estivesse um mapa de estradas decrepito.

“Estamos lixados”, apercebi-me. Tínhamos uma hipótese em quatro de isto correr bem, o que deixava outras três possibilidades: avançar directamente, outra vez, de caminho aos Zetas, cair de um precipício abaixo na escuridão, ou guiar pelo mato até que as barras energéticas se esgotassem e um de nós comesse o outro.

E então, quando o sol se pôs, acabou-se-nos o planeta.

Emergimos da floresta para descobrir um oceano de espaço vazio à frente – uma fenda na terra tão vasta que o horizonte bem podia estar noutra fuso horário. Ao fundo, parecia que uma explosão apocalíptica coagulara na rocha, como se um deus irado estivesse a destruir a Terra, e tivesse mudado de ideias a meio. Estava a olhar para 52 mil quilómetros quadrados de terra de ninguém, divididos arbitrariamente em gargantas sinuosas mais profundas e mais largas que o Grand Canyon.

Caminhei até à margem do precipício, e o meu coração disparou. O precipício... não acabava. Muito ao fundo, esvoaçavam pássaros. Conseguia quase discernir o poderoso rio ao fundo da ravina; parecia uma finíssima veia azul no braço de um velho. Senti um aperto no estômago. Como diabo é que se saía daqui...?

– Lá nos havemos de arranjar – tranquilizou-me Salvador. – Os rarámuris passam a vida nisso.

Quando viu que não me animava, Salvador saiu-se com um lado positivo:

– Ei, é melhor assim – disse. – É fundo demais para haver narcotraficantes lá em baixo.

Se acreditava mesmo no que estava a dizer ou se estava a mentir para me animar, não sabia. Fosse como fosse, Salvador tinha obrigação de não se deixar iludir.